



ANA MARIA CAMPOS  
anacampos.df@dabr.com.br

Reprodução/YouTube



## Bia Kicis pede orações pela anistia aos condenados do 8 de janeiro

Ao participar da solenidade de concessão do título de cidadão benemérito de Brasília ao arcebispo do Ordinariato Militar do Brasil, Dom Marcony Vinícius Ferreira, na Câmara Legislativa, ontem, a deputada federal Bia Kicis (PL-DF) pediu orações e proteção divina aos réus e condenados pelos atos golpistas do 8 de janeiro de 2023. A parlamentar da base bolsonarista, que é católica e frequenta a igreja, fez um apelo a Dom Marcony e ao cardeal Paulo Cezar Costa, arcebispo de Brasília, que “intercedam por meio das orações em favor daquelas pessoas injustiçadas, presos políticos no Brasil, pessoas que estão com seus direitos humanos violados”. Bia Kicis seguiu a campanha bolsonarista a favor da anistia, tema da manifestação marcada para ocorrer em 16 de março.

Divulgação/Ministério da Fazenda



Instagram



Divulgação/Anamatra



Divulgação



### Quatro mulheres serão homenageadas pela OAB

Sob a presidência do advogado Paulo Maurício Siqueira, o Poli, o Conselho Pleno da Seccional da OAB-DF elegeu por unanimidade quatro mulheres da carreira jurídica para serem homenageadas. Elas serão agraciadas com a Medalha Myrthes Gomes de Campos. As escolhidas foram: Anelize de Almeida, procuradora-geral da Fazenda Nacional; Francisca Aires, advogada; Kátia Magalhães Arruda, ministra do Tribunal Superior do Trabalho (TST); e Rita de Castro Hermes Meira Lima, defensora pública.

### Valorização feminina

Criada em 25 de fevereiro de 2016, a medalha é a mais alta honraria concedida pela OAB-DF a advogadas e autoridades que se destacam no cenário jurídico do Distrito Federal, especialmente na defesa dos direitos, interesses e valorização das mulheres e suas prerrogativas. É uma homenagem a Myrthes Gomes de Campos, a primeira mulher a exercer, oficialmente, a advocacia no Brasil.

### Porta aberta

A ex-governadora Maria de Lourdes Abadia (PSDB) não fecha as portas para futuras candidaturas. “Eu saio da política, mas a política não sai de mim”, diz.

### Como bilhões de dados explicam a polarização política

Mais de dois bilhões de dados analisados entre 2017 e 2024 mostram como as redes sociais se tornaram palco de disputas políticas, influenciando eleições, moldando narrativas e impactando a vida de milhões de brasileiros. Esse é o tema do livro *Brasil Digital nas Entrelinhas da Polarização Política: Uma Análise de Big Data de 2017 a 2024*, do especialista Alek Maracajá, que será lançado dia 19, às 18h30, na Biblioteca do Senado Federal. A obra apresenta uma imersão inédita no universo digital e revela como a política brasileira foi transformada pelo ambiente on-line. Baseado na análise de Big Data — ou seja, no processamento de grandes volumes de informações digitais —, o estudo mostra como algoritmos, redes de influência e desinformação impactaram os rumos do país nos últimos sete anos.

Divulgação



Reprodução/YouTube Pânico Jovem Pain



Agência Senado

“O *Financial Times* é o jornal mais lido pelos formadores de opinião da ‘elite’ global. Pude conversar com dois jornalistas e passar meu alerta sobre a censura e perseguições perpetradas por Moraes. Valeu a pena a conversa e creio que, cada vez mais, há consciência da comunidade internacional sobre o regime de exceção instaurado por Alexandre de Moraes e seus cúmplices”

Eduardo Bolsonaro (PL-SP),  
Deputado federal

“Eduardo Bolsonaro não pode ser presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara. Ele já tem utilizado seu mandato parlamentar para conspirar junto à extrema direita e ao governo de Donald Trump contra o Brasil”

Lindbergh Farias (RJ),  
Deputado líder do PT na  
Câmara dos Deputados

Marcello Casal Jr./Agência Brasil



### Mais tempo

Qualquer que seja o resultado do julgamento de hoje no Superior Tribunal de Justiça (STJ), do caso da 113 Sul, a discussão deve chegar ao Supremo Tribunal Federal (STF). Quem perder vai recorrer. Isso, e durante o dia, às vezes, como não há vagas em creche, deixam a criança com a vizinha. Mas, à noite, não têm com quem deixar a criança.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos\_cb

## » Entrevista | MARIA DE LOURDES ABADIA | EX-GOVERNADORA DO DISTRITO FEDERAL

Ao *CB.Poder*, a ex-deputada constituinte afirmou que, antes, havia respeito nas discussões políticas. Para ela, se Ulysses Guimarães visse as brigas na Câmara, “descia e botava muita gente para correr do plenário”



Aponte a câmera do celular e assista à entrevista completa

# “É preciso falar mais sobre democracia”

» LUIZ FELLIPE ALVES\*

A polarização na política brasileira e a democracia estiveram entre os temas abordados no *CB. Poder* — parceria entre o *Correio* e a *TV Brasília* — de ontem, que teve como convidada a ex-governadora do Distrito Federal e ex-deputada constituinte Maria de Lourdes Abadia (PSDB). Na conversa com os jornalistas Ana Maria Campos e Carlos Alexandre Souza, ela questionou se não estaria faltando falar mais sobre democracia nas escolas e universidades. Maria de Lourdes elogiou a iniciativa do seminário *Democracia 40 anos: Conquistas, Dívidas e Desafios*, promovido pela Fundação *Astrojildo Pereira*, com apoio do *Correio Braziliense*, que será realizado no próximo sábado, em Brasília. A ex-governadora destacou ainda o trabalho da Casa do Candango e os esforços para a retomada da Festa dos Estados, realizada pela última vez em 2013, e que angariava recursos para a área social.

O ex-presidente José Sarney comentou ao *Correio* que sente falta de pessoas que consigam conduzir o processo político, inclusive para a pacificação do Brasil, e não para a polarização. A senhora concorda com esse ponto de vista?

Concordo completamente. Eu lembro que tínhamos extremos e uma figura muito importante era o Jarbas Passarinho (1920-2016), que era de direita, e os outros senadores e deputados que representavam a esquerda, e havia respeito nas discussões e debates. Outra

coisa importante é que, quando falavam “É o Brasil”, todo mundo se juntava. Havia uma comunhão. Sempre levei muito a sério o meu papel representando Brasília nas minhas conquistas eleitorais e nos cargos que eu ocupei. Fico muito emocionada quando abro a Constituição brasileira e vejo o meu nome ali. Quando vejo as coisas que estão acontecendo, as emendas que saem, sinto muito com isso.

Estamos em um momento em que a democracia voltou a ser tema de debates. Como a

Ana Dubeux / CB



senhora avalia esse momento da história do país?

Estamos atravessando um momento de muita expectativa e ansiedade. Vemos o país dividido com muitos conflitos, muitas fake news, e parece que o Brasil está se separando. Tive a oportunidade de participar de outros eventos e houve embates sérios de partidos, e de ideologias, coisa que a gente não via antes. Acho que este seminário de 15 de março, que relembra os esforços para o fortalecimento da democracia, é muito importante para o cenário atual.

Por que a senhora acha que a polarização é tão forte no Brasil?

Acho que é um caso a ser estudado. Não sei se está faltando nas universidades, nas escolas, falar mais sobre a democracia. Ulysses Guimarães (1916-1992), vendo as brigas e xingamentos no Congresso, acho que ele ‘descia e botava’ muita gente para correr do plenário. Tive o privilégio de aprender política durante o processo da Constituição do Brasil. É engraçado, porque você tinha oposição, você tinha todos os partidos ali representados e havia um respeito

mútuo. Você vê agressão estampada no Congresso Nacional. Ao final, parece uma briga pessoal.

Na semana passada, o *Correio* entrevistou a ministra Maria Elizabeth Rocha, que vai assumir como a primeira presidente do Superior Tribunal Militar (STM). Ela disse que, enquanto comemorarmos quando uma mulher assume, é porque ainda estamos muito atrasados. Concorda com essa fala?

Isso também me incomoda muito. A primeira coisa que falam é de ser mulher. Eu me considero muito mais que o título de ser a primeira mulher a governar Brasília. Você não é vista pela luta e pelo compromisso que tem com as pautas políticas. Tenho várias razões para ser reconhecida, como o trabalho de assistente social, que une minha formação acadêmica com a realidade que eu sofria.

A senhora continua atuando em outras frentes, como a Casa do Candango. Quais são os projetos encabeçados por lá?

A Casa do Candango já atende algumas creches, o que totaliza mais de 300 crianças carentes.

E a Casa São José, que é de acolhimento de idosos, em Sobradinho. Tentamos atender mães que não têm onde colocar o filho em uma creche à noite, principalmente as trabalhadoras da área da saúde, e profissionais de telefonia, que têm horários corridos, e, durante o dia, às vezes, como não há vagas em creche, deixam a criança com a vizinha. Mas, à noite, não têm com quem deixar a criança.

A Festa dos Estados servia para angariar fundos para a área social, e esse recurso era usado para manter creches, por exemplo. O que precisa para essa retomada?

Estamos numa luta grande para retomar a beleza e a saudade que todo brasileiro tem da Festa dos Estados. Você tem que ter a participação das primeiras-damas de todo o Brasil. É um trabalho difícil para convencê-las, porque muitas já têm seus projetos sociais. Não é fácil, mas continuaremos tentando. Tenho esperanças de que a gente consiga retornar com a festa.

\*Estagiário sob a supervisão de Malcia Afonso